



Considerações sobre o Desenvolvimento da Linguagem em Criança Autista

Aurenia Pereira de França¹; Mitécia Raquel Rodrigues Castelo Branco Sampaio²

Resumo: O autismo é um distúrbio de socialização de início precoce, cujas características aparecem desde os primeiros anos de vida da criança, afetando as áreas de interação social, de comunicação e comportamental. Assim, sabendo-se que a comunicação de crianças autistas possui peculiaridades e não segue o mesmo padrão observado em crianças normais, o presente estudo tem por objetivo discorrer acerca do desenvolvimento da linguagem em crianças autistas. Para tanto, a metodologia escolhida foi a revisão de literatura realizada em livros e artigos disponíveis em meio físico e eletrônico, cujos resultados são apresentados em forma de tópicos, onde inicialmente são traçadas algumas considerações gerais sobre o autismo e a linguagem, para ao seu final tratar da questão aquisição da linguagem pela criança autista.

Palavras-chave: Transtorno de Espectro Autista. Autismo. Linguagem. Aquisição da linguagem.

Considerations on Language Development in Autistic Child

Abstract: Autism is an early-onset socialization disorder, whose characteristics appear from the earliest years of the child's life, affecting areas of social, communication, and behavioral interaction. Thus, knowing that the communication of autistic children has peculiarities and does not follow the same pattern observed in normal children, the present study aims to discuss the development of language in autistic children. To do so, the methodology chosen was the review of literature in books and articles available in physical and electronic media, the results of which are presented in the form of topics, where initially some general considerations about autism and language are drawn for their final dealing with autistic child acquisition of language.

Keywords: Autistic Spectrum Disorder (ASD). Autism. Language. Acquisition of language.

¹ Mestre em Ciências da Linguagem pela UNICAP-PE; Especialista em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Estudos Sociais Aplicados de Aracaju; Especialista em Ciências da Educação e Supervisão Pedagógica pela Faculdade de Escada-PE FAESC e graduada em Letras pela Universidade Regional do Cariri (URCA). E-mail: aureniafranca@gmail.com;

² Graduação em medicina pela Faculdade de Medicina Estácio de Juazeiro do Norte. Especialização em Autismo pela Faculdade de Tecnologia Icone. Especialização em Estratégia Saúde da Família pela Faculdades Integradas de Cruzeros. Atualmente é Médica da Programa Nacional Mais Médicos em Acopiara-CE. mitecia.raquel@hotmail.com.

Introdução

Descrito pela primeira vez, em 1943, nos Estados Unidos, pelo médico austríaco Leo Kanner (MELLO et al, 2013), o autismo é considerado um distúrbio de socialização de início precoce, que afeta ao mesmo tempo o estabelecimento da subjetividade, da linguagem e das capacidades adaptativas (BARROS; FONTE, 2016).

Considerado como uma perturbação global do desenvolvimento, o autismo aparece, a nível social, por meio de disfunções que envolvem o setor comunicacional e a nível individual por intermédio de insuficiências afetivas e do jogo imaginativo, assim como pela realização de atividade de maneira repetitiva e restrita, o que faz com que o indivíduo que sofre com este tipo de transtorno viva em uma “‘cela pessoal invisível’, de onde não pode sair e onde os outros não conseguem entrar” (CRUZ et al, 2010, p. 92).

O autismo como uma das características do Transtorno de Especto Autista (TEA), corresponde a uma disfunção neurodesenvolvimental que aparece logo nos primeiros anos de vida da criança e possui etiologia ainda desconhecida (BACKES; ZANON; BOSA, 2017).

Quanto à epidemiologia, dados levantados pelo Centro de Controle e Prevenção de Doenças (CDC), nos Estados Unidos, apontam para o aumento de sua incidência, pois, em 2008 existia a média de um caso de autismo a cada 100 nascimentos; mas entre 2011 e 2013 este número passou de um caso a cada 80 nascimentos, e atualmente encontra-se a proporção de um caso a cada 45 nascimentos (SALE, 2015).

Quanto ao desenvolvimento da linguagem, sabe-se que esta é um fator relevante na vida do autista e que o estabelecimento da comunicação é algo fundamental para o desenvolvimento geral do indivíduo, sobretudo, para a criança autista. Além disso, a comunicação ajuda na satisfação das necessidades, bem como minimiza as estereotípias comportamentais trazidas pelos portadores deste distúrbio, aumentando o seu nível de socialização e de suas capacidades cognitivas (SOUZA; RUSCHIAVAL, 2015).

Diante disso, o presente estudo tem por objetivo discorrer acerca do desenvolvimento da linguagem em crianças autistas, cujo interesse em estudar acerca deste assunto justifica-se devido à sua importância, uma vez que dados apontam que entre 25% a 50% dos indivíduos com Transtorno de Especto Autista podem não adquirir linguagem funcional ao longo da vida (BACKES; ZANON; BOSA, 2017, p. 01) e que o processo de aquisição da linguagem, em crianças autistas acontece de forma diferenciada, isto porque a apresentação de padrões de comportamento e os déficits de aprendizagem trazidos por essas influenciam diretamente na

competência que deveriam possuir para o manejo da linguagem de forma complexa, tanto no que diz respeito à expressão da comunicação, quanto de sua compreensão (ANDRADE, 2017).

Assim, espera-se que o presente estudo possa trazer maiores conhecimentos sobre esta temática e ao mesmo tempo servir de incentivo para maiores pesquisas envolvendo essa questão.

Compreendendo o Autismo

O termo autismo foi utilizado pela primeira vez em 1911, por Eugen Blueeler como uma maneira de identificar a dificuldade ou impossibilidade que alguns indivíduos tinham de comunicação devido à perda de contato com a realidade, cuja concepção encontrava-se fortemente relacionada a psicoses, com destaque a esquizofrenia, que era foco de estudo do referido estudioso (ANDRADE, 2017).

A este respeito, esclarecem Alves, Souza e Neves (2015) que, o autismo infantil, a princípio, encontrou-se intimamente ligado à esquizofrenia, sendo, inclusive, colocado como uma manifestação prematura do mesma. E, apenas em 1956, é que se distanciou da esquizofrenia e passou a ser colocado como um problema de ordem psicológica, tornando essencial a realização de mais estudos para a sua compreensão.

Isto se deu como consequência de estudos, com destaque aos realizados por Leo Kanner, em 1943, quando descreveu o autismo clássico em estudos realizados junto à psiquiatria infantil, onde avaliou o comportamento de onze crianças que apresentava uma condição neurológica distinta, as quais não possuíam a habilidade de estabelecer contato afetivo e interpessoal com seus pares e apresentavam incapacidade de se relacionarem com outras pessoas desde os primeiros anos de vida (ANDRADE, 2017).

Segundo Cruz et al (2010), as crianças estudadas por Kanner possuíam comportamentos estereotipados e ritualistas frequentes; tinham dificuldades no desenvolvimento da linguagem em graus variados; a capacidade de estabelecer um contato social era restrita e apresentavam também falhas no estabelecimento dos laços afetivos. Entretanto, Kanner observou que, apesar das referidas dificuldades, as crianças tinham uma boa capacidade cognitiva, que se evidenciava através do vocabulário; da memória e da capacidade visual excelentes; do forte interesse por números e letras; e pela capacidade precoce de ler e escrever.

Assim, a criteriosa descrição das características trazidas por Kanner, permitiu diferenciar o autismo da esquizofrenia e das psicoses infantis, sendo o seu trabalho considerado de fundamental importância na formação das bases da Psiquiatria da Infância tanto nos Estados Unidos, quanto no mundo (BRASIL, 2014).

Concomitante aos estudos empreendidos por Kanner, Hans Asperger também se destacou ao publicar, em 1944, estudo descrevendo o quadro clínico de quatro crianças que apresentava características semelhantes àqueles descritas por Kanner, definindo um quadro clínico análogo ao que atualmente é conhecido como síndrome de Asperger (BRASIL, 2014).

Assim, observa-se que o autismo foi colocado entre as psicoses infantis, caracterizadas como transtorno da personalidade que dependem de uma desordem na organização do *eu* e da relação que é estabelecida pela criança com o mundo que a circunda,

[...] definida por conduta inapropriada frente à realidade, com retraimento ou fragmentação do campo da realidade; restrição no campo de utilização dos objetos; afetivas e de atividade insuficientes ou parcialmente exageradas, demasiadas focadas ou esparsas, produzindo condutas rígidas ou inconsistentes; vida imaginativa pobre ou de tipo mágico-alucinatório; atitude demasiado abstrata ou demasiado concreta, restrita, limitando a mobilidade do campo do pensamento e da ação e relação inadequada com as pessoas (ALVES; SOUZA; NEVES, 2015, p. 04)

Ao se analisar a origem etiológica da palavra, ver-se que o vocábulo autismo deriva do grego *autos*, que significa “o próprio”, somado ao sufixo *ismo*, que traz consigo a ideia de orientação ou estado, assim, *latu senso*, o substantivo autismo denota “uma condição ou estado de alguém que apresenta tendência para o alheamento da realidade exterior, a par de uma atitude de permanente concentração em si próprio” (CRUZ et al, 2010, p. 92).

Na realidade, este conceito do autismo infantil, sofreu diferentes modificações ao longo dos tempos, e foi sendo agrupado a um contínuo de condições que trazem entre si similaridades, as quais passaram a ser denominadas de Transtornos Globais do Desenvolvimento (TGD), e mais recentemente os Transtornos do Espectro do Autismo (TEA) vieram referir a uma parte dos TGD, dentre as quais o autismo, a síndrome de Asperger e o transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação (BRASIL, 2014).

Atualmente, a definição utilizada está nas classificações internacionais de doenças, CID.10 8 e DSM.IV 9 (Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtorno Mental), que enquadram o autismo na categoria Transtornos Invasivos do Desenvolvimento, caracterizados por anormalidades qualitativas na interação social recíproca e nos padrões de comunicação e por repertório

de interesses e atividades restritas, repetitivas e estereotipadas (ALVES; SOUZA; NEVES, 2015, p. 04)

Portanto, o autismo deixou de ser visto como uma doença, e passou a ser reconhecido como uma perturbação do desenvolvimento, a qual afeta a compreensão da criança pelo mundo que a rodeia; bem como a forma como ela aprende suas experiências. E, considerando que as áreas de interação social, de comunicação e de comportamento encontram-se intimamente articuladas no processo de desenvolvimento da criança desde cedo, e que os indivíduos com autismo apresentam como características marcantes prejuízos nessas áreas, faz-se necessária a utilização de estratégias que contemplem a aquisição de habilidades, que são imprescindíveis para o desenvolvimento dessas áreas (LE MOS; SALOMÃO; AGRIPINO-RAMOS, 2014), como é o caso da aquisição da linguagem, sobre a qual passa-se a tratar a seguir.

Algumas considerações acerca da aquisição da Linguagem

De acordo com Martins, Franco e Caldana (2015) a habilidade de aquisição da linguagem corresponde a uma capacidade superior que tem o ser humano, e que o torna capaz de expressar suas ideias, emoções e desejos, além de promover o desenvolvimento de outras áreas como as funções comunicativas e a cognição.

Complementam Barros e Fonte (2016, p. 750) que “o sujeito é constituído na/pela linguagem” e como tal é “fruto das relações intercambiáveis entre o ‘eu’ e o ‘tu’ no processo enunciativo”, em que o interlocutor passa a reconhecer o outro enquanto sujeito por intermédio de fragmentos linguísticos, os quais se somam aos fragmentos corporais e gestuais produzidos nesse processo de troca.

Esses fragmentos corporais e gestuais produzem movimentos que são tomados como linguagem antes mesmo do nascimento da criança, quando ainda no útero estas respondem, por meio de movimentos, a fala do pai ou mãe, trazendo assim um valor discursivo, no qual se estabelece o primeiro diálogo no imaginário parental (BARROS; FONTE, 2016). Pode-se aludir a partir daí que, neste momento começam a ser estabelecidas as primeiras interações (“sociais”) entre os pais e a criança.

É importante frisar que ao nascer o cérebro infantil já é capaz de responder à linguagem falada, entretanto, a maturação progressiva da conectividade funcional inter-hemisférica,

apenas será estabelecida com a exposição da criança à linguagem. As crianças, por outro lado, possuem um grande potencial de aprendizagem, que deve ser estimulado desde os primeiros anos de sua vida a fim de que os processos vitais de domínio das funções sejam plenamente desenvolvidos (MARTINS; FRANCO; CALDANA, 2015).

Esclarecem Reis, Pereira e Almeida (2016) que todas as etapas pré-linguísticas da aquisição da linguagem são subjacentes e promovidas pela interação social, que se manifesta por meio da atenção conjunta que faz com que a criança se oriente através de um parceiro social; da coordenação e alternância de sua atenção entre pessoas e objetos; da partilha e interpretação de afetos ou estados emocionais; do uso de gestos e vocalizações somadas ao contato físico. E que tudo isso são competências necessárias para o envio de mensagens entre parceiros sociais.

Assim, na avaliação da competência comunicativa infantil é fundamental o reconhecimento de sua capacidade de observar o ambiente em que se encontra inserida, de alternar o olhar entre pessoas e objetos e de partilhar emoções por meio de expressões faciais, de gestos e mudanças na ondulação da voz, pois tudo isso precede ao desenvolvimento da comunicação intencional (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016).

Deste modo, observa-se que a linguagem, a comunicação e o desenvolvimento das capacidades cognitivas fazem parte de um processo gradativo, que se dão através do acúmulo das experiências vivenciadas pela criança e que a ajudam a se colocar como ser no mundo, ou seja, a se relacionar com as pessoas e coisas que a cercam.

Neste sentido, esclarecem Souza e Ruschival (2015, p. 3) que,

A criança se desenvolve na medida em que percebe as coisas, explora os ambientes e fornece respostas para os elementos presentes nesses locais de vivências. As respostas da criança, ou seja, as primeiras formas de comunicação surgem de maneira evolutiva desde comportamentos, como o choro, os olhares, as agitações de objetos até outras formas de interação mais complexas, como os balbucios, as primeiras pronúncias silábicas, conversações e interpretações de relações entre pessoas e objetos.

Portanto, é visto que o homem utiliza-se da linguagem tanto para a aquisição, quanto para a utilização de sistemas complexos de comunicação, que mesmo ao nascer as crianças têm uma espécie de linguagem universal, e que na medida em que vão interagindo com o mundo e as pessoas que a cercam passam a reconhecer e a reproduzir as palavras próprias de seu povo, de sua família (OLIVEIRA et al, 2014), entretanto, existem situações não ocorrem ou ocorre de forma diferenciada ou deficitária, como é o caso dos indivíduos portadores de autismo sobre os quais passa-se a discorrer no tópico que segue.

O Desenvolvimento da Linguagem na Criança Autista

Conforme visto no início deste estudo, o autismo é um transtorno que traz consigo disfunções que envolvem as áreas de interação social, de comunicação e de comportamento, e sabendo-se que a linguagem é um meio que tem o indivíduo de expressar as suas ideias, emoções e desejos, faz-se mister compreender como se dá o desenvolvimento da mesma pela criança autista.

Sobre o assunto, Souza e Ruschival (2015) esclarecem que indivíduos portadores de autismo não conseguem fazer uso de meios gestuais e expressivos, nem de comunicar seus anseios, necessidades e vontades e, sendo essas formas não verbais elementares para o surgimento da fala, no sujeito autista este tipo de comunicação torna-se fraca ou inexistente.

Crianças com TEA exibem sérias alterações no que se refere ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação não-verbal as quais se evidenciam a nível da compreensão, da utilização gestual e da palavra quando se trata do comunicar-se com o outro (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016).

Deste modo, em seu processo de comunicação, crianças com TEA geralmente fazem uso de formas pré-simbólicas não convencionais (movimento global do corpo, grito), que aparecem como intensões comunicativas muito restritas, que são usadas, quase que exclusivamente, para pedir objetos e pedir ou rejeitar ações, ou seja, como uma forma de regular o comportamento do outro, mas não de interagir socialmente (REIS; PEREIRA; ALMEIDA, 2016).

Reis, Pereira e Almeida (2016) ao desenvolverem seus estudos sobre as características e especificidades da comunicação social do autista fazem a ressalva de que existem poucas informações acerca do desenvolvimento da linguagem em indivíduos que sofrem deste mal em idades precoces. Em sua investigação, eles observaram estudos que apontavam que no primeiro ano de idade estas crianças apresentam-se menos responsivas à voz da mãe ou quando chamadas pelo nome, e que aos dois anos este atraso mostrava-se não só na linguagem, mas também no que dizia respeito às capacidades expressivas, que se desenvolviam lentamente até aos cinco anos, sobretudo quando comparado com crianças normais.

Sobre o assunto, Souza e Ruschival (2015) também apontam que em seus primeiros anos de vida, uma criança autista pode aprender a falar, porém, em um determinado momento (geralmente entre a décima oitava e o vigésimo quarto mês de vida) há uma interrupção neste

processo, de maneira que a vai perdendo a fala até aquele momento adquirida, e quando essa fala se desenvolve, vem acompanhada de um distúrbio linguístico: a ecolalia.

Complementa Andrade (2017) que, o desenvolvimento da fala em crianças autistas dar-se, ou quando se dá, geralmente vem acompanhada de falhas, em que se observam o uso inadequado da linguagem, a dificuldade de utilizar determinados vocábulos e adequá-los ao contexto, a dificuldade de compreender e usar a linguagem metafórica, apresentando como característica marcante em sua comunicação verbal a inversão pronominal e a ecolalia.

Para Reis, Pereira e Almeida (2016) a ecolalia corresponde a uma imitação retardada ou imediata da linguagem ouvida pela criança autista de seus parceiros de conversação ou proveniente de publicidade e/ou programas de televisão, a qual apesar de não facilitar o desenvolvimento gramatical, pode ter uma função comunicativa parcial.

Assim, embora apareça fora do contexto ou sem nenhuma intencionalidade, a fala ecolálica pode ser vista “como uma tentativa primitiva de manter o contato social [...] podendo ter um grande significado para a criança e enorme valor para o processo de aquisição da linguagem”. Desta forma, no autismo é preciso ver a ecolalia não como um sintoma patológico, mas sim como uma manifestação da linguagem a ser necessariamente ressignificada e compreendida (ANDRADE, 2017, p. 30).

Outro ponto a ser considerado e que diz respeito à linguagem da criança autista, é apontado pelos estudos de Barros e Fonte (2016), quando estes chamam a atenção que no processo de interação, em que as relações são compartilhadas e influenciam mutuamente os sujeitos, existem outras formas de construção da linguagem, como é o caso dos elementos multimodais, os quais se estruturam tanto pela oralidade quanto pela gestualidade.

Com isso, quando se trata da criança autista em que a ausência de oralidade, ou o atraso na aquisição da linguagem configura-se em uma de suas características, “[...] o modo gestual da linguagem surge como aspecto relevante na constituição do sujeito e na significação da linguagem” (BARROS; FONTE, 2016, p. 751), pois os gestos, as expressões corporais, mesmo que estereotipados podem ter significados para aqueles que interagem com crianças autistas, de forma que,

[...] no autismo, não podemos perceber a linguagem simplesmente separando oralidade (fala) de gestos e movimentos corporais, procurando características que as consolidem em suas particularidades independentes. Faz-se necessário tomar a linguagem em seu conjunto multimodal em que um aspecto, gesto ou fala, auxilia ou confirma a sua estruturação (BARROS; FONTE, 2016, p. 751).

Desta forma, é licito dizer que em seu processo interação da criança autista com o outro, é preciso ter a noção de que o gesto aparece como uma forma desta se comunicar, e que tanto a linguagem verbal, quanto a não-verbal transmitem significado, e devem ser percebidas em sua importância, pois tanto a fala quanto o gesto, mesmo que aparentemente “desconecto” ou “sem sentido”, é um modo desta criança interagir com o mundo e as pessoas que a rodeiam (SOUZA; LIMA, 2017).

Considerações Finais

Observou-se, no decorrer deste estudo que a linguagem é uma capacidade inerente do ser humano interagir com os demais seres, sendo esta um importante meio deste expressar pensamentos, emoções e desejos, enfim, de se comunicar.

Entretanto, esse processo de comunicação em crianças autistas encontra-se fortemente prejudicado, devido à dificuldade de interação que têm essas crianças, como característica inerente do transtorno que é portadora.

Neste universo, viu-se que o desenvolvimento da linguagem em crianças autistas, dar-se de forma diferenciada do que acontece com crianças normais, pois as autistas são acometidas de alterações significativas no que tange ao desenvolvimento da linguagem e da comunicação não-verbal.

Neste processo, é comum o uso de forma pré-simbólicas não convencionais, que aparecem como intensões comunicativas restritas, que quase sempre são utilizadas mais para regular o comportamento do outro, do que agir socialmente. A ecolalia é outra característica linguística frequente em crianças autistas, a qual pode ser vista como uma manifestação da linguagem que precisa ser ressignificada e compreendida dentro do contexto desta criança.

Por fim, quando se trata do desenvolvimento da linguagem pela criança autista, é fundamental compreender que tanto a fala quanto os gestos e movimentos corporais, são aspectos que devem ser levados em consideração, pois em sua forma de comunicar-se e interagir com o mundo que a rodeia, é comum por parte do autista o uso da linguagem-não verbal, ou seja, da multimodalidade, o que torna imprescindível, por parte daqueles que interagem com essa criança seja capaz de reconhecer a intencionalidade de seus gestos, uma vez que estes se configuram como uma forma de que essa criança tem de estabelecer uma comunicação com os seus pares.

Referências

ALVES, Márcia Mesquita Cardoso; SOUZA, Rita de Cácia Santos; NEVES, Charles Graziênio Batista. A criança autista no mundo chamado escola. **10º Encontro Internacional de Formação de Professores e 11º Fórum Permanente Internacional de Inovação Educacional**, v. 8, n. 1, 2015. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/1250/299> Acesso em: 29 ago. 2017.

ANDRADE, Cassio Kennedy de Sá. **Linguagem e autismo: a multimodalidade no contexto escolar**. Mestrado em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba. João Pessoa, 2017. Disponível em: <<http://bdtd.biblioteca.ufpb.br/handle/tede/9214>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

BACKES, Bárbara; ZANON, Regina Basso; BOSA, Cleonice Alves. Características sintomatológicas de crianças com autismo e regressão da linguagem oral. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 33, e3343, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v33/1806-3446-ptp-33-e3343.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

BARROS, Isabela Barbosa do Rêgo; FONTE, Renata Fonseca Lima da. Estereotípias motoras e linguagem: aspectos multimodais da negação no autismo. **Rev. Bras. Linguist. Apl.**, Belo Horizonte, v. 16, n. 4, p. 745-763, Dez. 2016. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbla/v16n4/1984-6398-rbla-16-04-00745.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: <http://bvsm.sau.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_atencao_reabilitacao_pessoa_autismo.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

CRUZ, Carla; PEREIRA, Cátia; FERREIRA, Crisálida; SANTOS, Hugo; RIBEIRO, Mariana. Criança autista: pais e professores – uma parceria de sucesso no desenvolvimento de competências. **Millenium**, v. 39, p.89-107, 2010. Disponível em: <<http://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8234/5849>> Acesso em: 29 ago. 2017.

LEMONS, Emellyne Lima de Medeiros Dias; SALOMÃO, Nádia Maria Ribeiro; AGRIPINO-RAMOS, Cibele Shirley. Inclusão de crianças autistas: um estudo sobre interações sociais no contexto escolar. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 20, n. 1, p. 117-130, Jan.-Mar., 2014. Disponível em: <https://www.researchgate.net/profile/Nadia_Maria_Salomao/publication/288107335_Inclusion_of_children_with_autism_A_study_of_social_interactions_within_the_school_context/links/56aa158208ae7f592f0f1a32/Inclusion-of-children-with-autism-A-study-of-social-interactions-within-the-school-context.pdf> Acesso em: 29 ago. 2017.

MARTINS, Aline; FRANCO, Elen Caroline; CALDANA, Magali de Lourdes. Elaboração e avaliação de um website sobre o desenvolvimento da linguagem infantil: portal dos bebês – desenvolvimento da linguagem. **Revista CEFAC**, São Paulo: Instituto CEFAC, v. 17, n. 1, p. 159-168, jan.-fev. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-18462015000100159&script=sci_abstract&tlng=pt>. Acesso em: 29 ago. 2017.

MELLO, Ana Maria S. Ros de; ANDRADE, Maria América; CHEN HO, Helena; DIAS, Inês de Souza. **Retratos do autismo no Brasil**. 1. ed. São Paulo: Associação de Amigos do Autista (AMA), 2013. Disponível em: <<http://www.autismo.org.br/site/images/Downloads/RetratoDoAutismo-20131001.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

OLIVEIRA, Débora Silva de; MOURA Amanda Rosa Selois de; FEIJÓ, Luan Paris; PINHEIRO, Melina Del Castel; BRITES, Pâmella; DORNELES, Suhelen; MOURA, Eliane. Interação vincular de pais com filhos autistas. **Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente**. Lisboa, v. 5, n. 2, 2014. Disponível em: <<http://revistas.lis.ulusiada.pt/index.php/rpca/article/view/1873/1992>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

REIS, Helena Isabel da Silva; PEREIRA, Ana Paula da Silva; ALMEIDA, Leandro da Silva. Características e especificidades da comunicação social na perturbação do espectro do autismo. **Rev. Bras. Ed. Esp.**, Marília, v. 22, n. 3, p. 325-336, Jul.-Set., 2016. Disponível em: <<https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/42508/1/ARTIGO%20REVISTA%20BRASILEIRA%20EE%20HELENA.pdf>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SALE, Naíma. Autismo: 1 em cada 45 crianças estão no espectro, segundo CDC. **Revista Crescer**, 16/11/2015. Disponível em: <<http://revistacrescer.globo.com/Voce-precisa-saber/noticia/2015/11/autismo-pesquisa-aponta-que-1-em-cada-45-criancas-estao-no-espectro.html>>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SOUZA, Andrielle Oliveira; RUSCHIVAL, Claudete Barbosa. Autismo e educação: jogo digital estimulador da comunicação e da linguagem em crianças autistas. **Lat. Am. J. Sci. Educ.**, v. 1, n. 12124, 2015. Disponível em: <http://www.lajse.org/may15/12124_Souza.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

SOUZA, Flávia Gonçalves Calaça de; LIMA, Juciane Nóbrega de. **A linguagem multimodal da criança autista: implicações para o ensino**. Disponível em: <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/Modalidade_1datahora_15_08_2014_12_28_02_idinscrito_5069_51f6b25fb36bdaa58f34b0d32127c161.pdf>. Acesso em: 29 ago. 2017.

Como citar este artigo (Formato ABNT):

FRANÇA, Aurenia Pereira de; SAMPAIO, Mitécia Raquel Rodrigues Castelo Branco. Considerações sobre o Desenvolvimento da Linguagem em Criança Autista. **Id on Line Rev. Psic.**, Outubro/2021, vol.15, n.57, p. 347-357, ISSN: 1981-1179.

Recebido: 23/08/2021;
Aceito: 03/09/2021;
Publicado: 31/10/2021.